

Literatura: Da crítica brasileira¹

Macedo Soares

¹ Artigo extraído dos *Ensaio de Analyse litteraria*, que serão publicados em breve. Originalmente saiu na *Revista Popular*. Rio de Janeiro: Garnier, tomo VIII, 1º de outubro de 1860, p. 272-7.

Apesar das declamações dos *gênios livres* ninguém desconhece hoje em dia a utilidade e importância da crítica. Prová-las seria discutir uma dessas teses pueris e de enfadonha evidência tão em moda entre os escolásticos, depois abolidas entre o romantismo ainda contido dentro da esfera do bom gosto, e finalmente reabilitadas pelos hodiernos reformadores da arte, os campeões da fantasia solta. Para as literaturas que começam com a espontaneidade e o vigor das criações originais, não há considerações humanas que as façam desviar e abandonar a torrente invasora do pensamento. As ideias são formadas em face das grandezas naturais da terra natal; os sentimentos despertados às recordações de um passado glorioso, ou acendidos pela heroicidade dos grandes caracteres; as formas extraídas das cenas da natureza ou dos costumes, da vida social, da civilização local. Na literatura grega do ciclo de Homero, no século do Shakespeare, no reinado de Dante ou de Camões, não havia lugar para crítica. Ela seria semelhante ao parasita impertinente que, tendo licença de entrar, não acha lugar marcado entre os convivas. Mas para as literaturas que começam sob o poderoso influxo de uma civilização adiantada; que soltam vagidos de infante ao darem de face com a luz deslumbrante do século; que acordam da modorra do limbo ao trom dos canhões, ao ruído dos vagões, ao alvoroço intenso e confuso de mil vozes que falam, de mil trompas que atroam, de mil operários que cantam, riem e choram; para essas é sempre útil, sempre necessária a crítica. Nascidas no seio da opulência, calçam o coturno, passeiam de carro, viajam à Europa no vapor inglês, conversam com as vizinhas por intermédio dos fios telegráficos. São crianças sobre si, que nunca conheceram pobreza nem pressentem as dores ocultas nos andrajos do mendigo; por isso necessitam mais e mais da vigilância e do cuidado de um tutor. Senão, vão a Paris e empregam toda a sua herança em futilidades e lantejoulas, arreiam-se de teteias e voltam estragadas, entorpecidas e doentias.

As flores que trouxeram do estrangeiro estranham o clima e definham; as crianças não aprenderam a cultivá-las, porém a adornar com elas os cabelos e perfumar o seio na indolência oriental.

A nossa literatura está neste caso. Falta-lhe a experiência para observar de si própria conselhos que a má-educação lhe não deixa seguir. Em nossa ignorância não conhecemos senão a literatura francesa; todas as outras vemos-las através do prisma das traduções francesas. Falo da generalidade, pois contados são os que podem conversar com intimidade Schiller ou Martinez de la Rosa, Byron ou Goethe, Cooper ou Manzoni na língua própria deles. Daí a influência onipotente dos livros franceses, influência muito aproveitável, utilíssima e que a crítica estaria

bem longe de temer, se tivéssemos o contrapeso de um gosto reto e esclarecido. Então respigaríamos os frutos maduros encobertos aqui e ali nas ruínas safras da imprensa parisiense; saberíamos extrair a pérola da concha, lapidar o diamante bruto e separar da terra as palhetas de ouro. Mas falta-nos o esmeril, não sabemos o uso da bateia, e tomamos malacacheta por cristal de rocha e cascalho por ouro de bom quilate.

Há no Rio de Janeiro uma coisa a que chamam de *crítica*. É ordinariamente uma função do jornalismo, e portanto tem estudo porque é feita da noite para o dia, e tem missão porque o jornalismo é essencialmente comercial e político. A crítica estudiosa e imparcial, que consagra e ilustra quando não retifica o juízo do público, jaz ainda no limbo. Há mais tempo deveriam tê-la tirado de lá os padres conscritos das nossas letras, se também eles não se tivessem deixado contaminar do contágio da época, eles que têm de obrigação colocar-se à frente dos moços, voluntários alistados nas bandeiras do progresso, cheios de robustez e ânimo civil, mas indisciplinado, sem ciência de arte militar, sem conhecimentos de sítios da ação, sem instrutores nem capitães. Confiam na mocidade, eles; porém o que há de fazer a mocidade entregue aos seus próprios recursos? O que há de aprender sem mestre o menino, embora inteligente? Acontece que ficamos na ignorância, e no mais imitamos o exemplo dos mais velhos, recolhemo-nos às tendas e esperamos por nossa vez nos que virão depois de nós.

É um estudo curioso o da crítica brasileira, e requer sagacidade, tino e acurada observação. A falta destas qualidades podem suprir a sinceridade e o desejo de acertar: é com estas disposições que me animo a esflorar o assunto. No pouco que tenho podido observar, distingo quatro espécies de crítica: crítica contemplativa, crítica admirativa, crítica noticiosa, crítica satírica. Esta última está fora do meu plano. Seu ofício é deprimir e caluniar. Ela não escreve, não se digna; fala e enreda intrigas de bastidores. Não analisa, não revela as belezas nem aconselha sobre os defeitos; mas esmiúça estes todos, lança de propósito o véu do esquecimento ou do desdém, isto é, da ignorância sobre a parte bela, e desta tarefa parcial e monstruosa deduz as razões do seu pessimismo. Suas palavras têm espírito, é o espírito da soberba humilhada; espicaça, dá alfinetadas, não fere, incomoda. Invejosa, ignorante e substancialmente tola como a sátira pessoal, tal é a crítica dos impotentes.

Absorta na contemplação, a crítica contemplativa não discute nem escreve para não perturbar a serenidade de seus gozos ideais. Otimista na generalidade, assenta numa opinião e a oferece a quem quiser partilhá-la. Formam um panteão esplêndido os seus deuses diletos: ela incensa-os a todos; oferta mirra a uns e benjoim aos outros;

serve-os de ambrosia e néctar, e embriaga-se ela mesma com o maravilhoso haxixe, coroada a frente da *amritã* arábica e da *eleaya* das colinas de Iêmen, perfumado o leite das rosas de Caxemira e dos lírios de Suritan. Não lê as obras dos críticos nem consulta os votos da multidão: para quê? O seu juízo está feito. Quando um principiante vai consultá-la, ela visita as questões, e muito faz se do alto de sua soberania dispensa ao rapaz uma palavra de animação, broquel contra o indiferentismo do povo, sem dúvida porque o povo não partilha a sua opinião. É a crítica egoísta, mas inofensiva dos padres conscritos.

Apresso-me em chegar à espécie mais perigosa. A crítica administrativa, perfeitamente caracterizada por Gustavo Planche, produz entre nós resultados ainda mais funestos do que em França, onde há espírito literário e opinião ilustrada. É ela a causa dos desmandos da multidão, falseando-lhe o gosto pela consagração de teorias errôneas, realizadas em péssimas obras. De modo que esse mesmo público, de cuja tibieza tanto se queixam os poetas, condena num só anátema as produções de mérito e enfezadas as chochas centenas de páginas adornadas de algum título pomposo ou singular, voltando ao ostracismo na mesma concha os homens de talento e os parasitas da literatura. Entidade enciclopédica, de tanto seguro, juízo pronto e perene riso nos lábios, o crítico administrativo tem sempre magníficos aplausos para acolher as bagatelas literárias dos afeiçoados. Não é otimista, apesar de acompanhar sempre o entusiasmado do amigo da direita que acha tudo bom; pessimista também não é, apesar de julgar tudo ruim em comparação das obras do amigo da esquerda. Também nunca muda de opinião: sua opinião é não desagradar aos mais. Por isso, quando consulta com ele um amigo verdadeiro, cuidando não ser ainda um nome vão a sinceridade, porém o mais belo predicado da amizade; e insta pelo seu parecer franco, ingênuo e liso, protestando que sem contar com isso não iria incomodá-lo; que está pronto a fazer na obra as alterações razoáveis, a rasgá-la, a empreendê-la de novo, de novo realizar a concepção mal expressa da primeira vez; o bom do crítico, firme em sua máxima, que é inconveniência de mau gosto apontar defeitos nas produções dos outros e mais ainda contrariar a opinião de um íntimo, responde-lhe caloroso e empenhado: – Muito bem! excelente! magnífico! Mande o livro para a tipografia, que o talento e o estudo hão de ter a devida recompensa. Por mais que o autor proteste:

*Non ego paucis
Offendar maculis...*

o crítico complacente pergunta lá consigo:

*Cum ego am'icum
Offendam in mugis?*

sem se lembrar quem

*Hae mugae seria ducent!
In mala derisum semper, exceptum que sinistrum.*

Vê-se que a espécie é velha como o mundo literário, pois já em Roma descrevia Horácio com tanta exaçaõ os condescendentes admirativos. Mas continuemos.

O crítico sabia que o bom-senso do autor não se ofenderia de ouvir um voto consciencioso, um conselho prudente; mas, já se disse, ele é inabalável em sua opinião. A amizade crédula e o amor-próprio favoniado ouvem e obedecem à condescendência. Imprime-se a obra. Pululam imperfeições de concepções, desacertos de composições, erros de linguagem. Cada erro, cada imperfeição, cada desacerto, é o novo cumprimento ao autor; zumbaias por detrás dos bastidores, mas enfim lisonjeiras. No melhor da festa, porém, no mais embriagador das glórias, partilhadas também pelo conselheiro privado que deu o *placet* à publicação, aparece um escritor sincero, homem de consciência, que, depois de ter estudado o livro, exalta-lhe as belezas, faz elogio da ilustração e do bom gosto do escritor, e, para ser exato e fiel à verdade, marca lá no canto de uma página os defeitos capitais, apenas os imperdoáveis, saltando por todos os mais. Ai do desgraçado! Fatídica sombra do comendador nesse festim literário, há de sofrer os doestos dos convivas; pedir-lhe-ão suas graduações acadêmicas, seus títulos científicos, sua genealogia literária; pôr-lhe-ão em cima a taxa de audaz, de bárbaro, ignorante, que não sabe o que diz, que não entende da matéria, que nunca fez estudos, que não tem leitura... – Mas tu, meu amigo, dirá o crítico ao autor, tu não deves curvar a cabeça ante a inveja e a maledicência despeitadas. Pois aquilo é puro despeito por não teres primeiro consultado com *ele*. Deixa-o, deixa-o por minha conta aquele pedante. Analisar a obra do gênio! É risível...

Assim, esgotado o vocabulário da injúria, fatigada a bossa dos pontos de admiração, e disparada a última bombarda, o grande e indiscutível axioma que não é possível a crítica das produções de gênio, veem as consolações, as promessas de defesa, os cumprimentos ainda mais fervorosos, porque enfim o autor tem bom-senso, e começa a refletir na precipitação de ter dado à luz um trabalho tão imperfeito, e a desconfiar da sinceridade do oficioso amigo. Mas já é tarde, e o remédio é resignar-se a ver-se votado ao esquecimento dos homens sensatos, e ainda pior às citações dos meninos literatos, que põem-se a eternizar a obra, reabrindo chagas que ainda sangram.

Afinal de contas, e para encurtar a história, infelizmente muito verdadeira, acede à literatura mais um volume de futilidades; recebe o nome do escritor uma primeira impressão desagradável; é desmascarado e repellido o falso amigo; e os pobres dos assinantes, lamentando perdidos tempo, dinheiro e paciência, capitais preciosos que podiam ter tido melhor emprego, protestam de coração não tornar a cair noutra, protesto terrível para os futuros escritores.

Tudo isto é na hipótese de possuir o autor o incomparável dom do bom-senso; pois no caso contrário são ainda mais tristes os resultados. Inchado o homem dos elogios do crítico antes do parto, no parto e depois do parto, não dá assento ao testemunho da própria consciência e menos ainda às advertências da crítica séria. Cuida que é inveja realmente, malevolência de uma pessoa que às vezes nem tem a honra de conhecê-lo de nome sequer.

A crítica noticiosa, se não é tão fatal, é igualmente desassisada e banal como essa de camaradagem que acabo de esboçar. Mas tem sobre ela duas grandes vantagens: diz pouco e uma vez só. É ela quem noticia na gazetilha, escreve duas linhas de comunicados, folhetins, impressões de leitura, bibliografias etc. etc. Aqui é tentadora a singeleza. Exalam os artiguinhos um perfume de sândalo! Tanta flor, tanta luz, melodias do céu! Isto atrai, engana, seduz, e os escritores veem no crítico noticioso um acólito de sua glória. A crítica contemplativa ilude a si própria; a admirativa embai² o autor; a noticiosa engana os autores, o país e o estrangeiro. Com ar de proteção, ela não faz mais do que satisfazer uma veleidade ou um pedido. Ordinariamente assina a rogo, e pode fazê-lo quantas vezes quiser sem medo de responsabilidade; ao contrário, sempre com esperança de reconhecimento. É tão fugitiva a noticiosa de um jornal...

São essas as espécies de crítica da época: temo não tê-las descrito com precisão, firmeza e verdade de traços necessários ao assunto. Há todavia realidade e exatidão

2 Forma verbal assim empregada no original (Nota dos editores).

no geral, e isto basta para a conclusão. Como fará semelhante crítica a educação do público? Como norteará a opinião pelo caminho do bom gosto? Como guiará na vereda da idealidade os moços que começam a ensaiar as formas estéticas do pensamento? Esperais tudo deles, vós, que devíeis ser os seus mestres dedicados: argumentais com ardor da juventude acadêmica, com o prurido das associações e dos jornais literários, com a publicação anual de alguns dramas e romances de raros aplicados. Engano! Esse ardor é um acesso de febre; cede à mais leve dose do emético da política e de interesses ainda mais mundanos. E se não, quantos são os que voltam sobre as composições da primeira mocidade para corrigi-las e aperfeiçoá-las? Quantos são os que continuam nesses hábitos de escrever adquiridos na academia? Nada de aparências; esses sintomas provariam muito se passassem dos bancos das faculdades. Nelas, quando não haja esforços combinados, há forças reunidas; fora delas vê-se cada um isolado e forçosamente há de desanimar à vista da magnitude da tarefa, ao contágio do desgosto geral, ao aflitivo espetáculo da esterilidade da situação. Formem um centro literário que não seja simplesmente histórico e geográfico, os literatos reconhecidos pelo país: convoquem as vocações, e deem-lhes que fazer: instituem uma revista literária sob uma direção inteligente e severa: estabeleçam um sistema de crítica imparcial e fortalecido com sólidos estudos da língua e da história nacionais, porque a reflexão e a análise hão de sempre acompanhar *pari passu* as manifestações divinas e espontâneas da inspiração. Sem o trabalho contínuo e regular, sem esta lei elementar das criações duradouras jamais se conseguirá uma literatura rica, poderosa e digna de ser contada entre os grandes focos da ilustração humana.

Mas será possível na quadra atual chamar a atenção do povo para os trabalhos da imaginação? A época é dos estudos literários? Penso que não e neste pensar acompanho a todos os que se têm dado ao exame das causas que hão entorpecida a marcha do nosso espírito literário. De 22 para cá nada nos tem sido permitido além da organização política e administrativa do país, além da consolidação da nacionalidade conquistada, além do estabelecimento sobre bases indestrutíveis da forma do governo adotada. Qual a face sob a qual se há mais viva, quase exclusivamente manifestado o espírito nacional senão a política? É a tendência da época, e rematada loucura seria pretender contrariá-la. É desse(s) fatos providenciais cujo andamento só Deus pode sustar e não é com uma pedra carregada nos ombros que o homem há de refrear o ímpeto da torrente que se despenha. O que nos cumpre então fazer? Cruzar os braços porque *está escrito*? Não: cercaremos nossos campos para que a enchente não inunde e carregue o pouco que temos semeado. Se apesar desse supremo esforço a torrente

devastadora alagar a sementeira, então a poesia pode do alto de sua superioridade atirar às faces da inimiga as solenes palavras de Boabdil entregando à realeza da Espanha as chaves de Granada:

Estava escrito. Não foram vossas armas

*Que o trono abateram!...*³

São Paulo, 28 de outubro de 1860.

3 Porto-Alegre, *Colombo*.